

A CAVALARIA

O CICLO DE SUA EVOLUÇÃO

Cap. HOCHÉ PULCHERIO
Inst. da E. das Armas

Considerações Iniciais:

A frase de AUGUSTO COMTE, ao afirmar que os "vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos" resume em breves termos todo o ciclo da vida humana. Com efeito, essa ascendência nada mais é senão o élo magnífico que reúne hoje o passado ao presente e que, a seguir, ligará a éste, o futuro.

A tradição oral e particularmente a escrita concretizam essa união entre os tempos do verbo da vida, ou melhor, da história humana. E como a Natureza não dá saltos, a evolução das idéias, a sequência dos fatos, a marcha do progresso, seguem um curso uniforme.

Nada obstante, de quando em quando, surgem modificações bruscas no ritmo normal, seja devido ao progresso vertiginoso da ciência, seja porque apareceu no cenário do mundo um gênio precursor, um talento invulgar. Há porém, contrapondo-se aos progressos científicos e às idéias avançadas dos privilegiados, um entrave poderoso e sutil: — a rotina...

E' a faceta menos brilhante da tradição, aquela que se apega, invariavelmente, a tudo o que já é sabido, repelindo as inovações, mesmo as mais úteis, práticas e de valor indiscutível.

A "doutrina militar" depende em larga escala das tradições guerreiras dos povos. Uma de suas partes — a doutrina de guerra, é imutável; uma outra parte, modifica-se, em regra lentamente, evoluindo em função dos progressos científicos e consequentes aperfeiçoamentos do armamento.

A transição dos métodos de ação ou dos processos de combate só se faz gradualmente, sendo necessário, muitas vezes, a sanção da guerra para aceitação integral. Assim por exem-

pio, em função do aparecimento do canhão de tiro rápido e das armas automáticas, os efeitos do fogo tornaram-se surpreendentemente destruidores, de sorte que os processos de combate deveriam sofrer-lhe os influxos modificadores.

Em 1914, por ocasião da guerra mundial, assim sucedeu, mas não na medida justa, donde resultaram decepções cruéis, hecatombes terríveis, umas e outras facilmente evitáveis se a rotina não tivesse interferido. Convém ressaltar no entanto, que não se deve confundir *prudência* com *rotina*; — aquela representa o bom senso e equilíbrio; esta significa comodismo, horror às inovações. Daí a necessidade de um órgão especializado, habituado a discernir entre as improvisações inócuas e as mutações imprescindíveis; capaz de retirar de uma campanha todos os ensinamentos, adaptando-os, se fôr o caso, à própria doutrina. E' a tarefa que incumbe aos Estados Maiores, difícil porque têm a vencer, além dos preconceitos, vários óbices, particularmente os de ordem econômica e os de natureza política, em desproporção geralmente os primeiros, e infensos os últimos, relativamente às modificações a efetuar.

RAZÃO DE SER DA CAVALARIA :

Na batalha, o ato supremo da guerra, o que visa a decisão e pois a vitória, é imprescindível o concurso de um elemento que garanta ao chefe a segurança e a informação que lhe permitirão utilizar o *espaço* visando a reunião em tempo de suas forças, o o respectivo deslocamento e que seja também capaz de agir em força e rapidamente contra o inimigo, no início ou no transcurso da luta.

Surgem assim três ordens de necessidades :

1.^a — de informação; 2.^a — de cobertura de concentração ou movimentos estratégicos; 3.^a — de combate.

Para cumprir em perfeitas condições esse triplice encargo, é mistér uma arma que reuna a um tempo, as qualidades de potência e de mobilidade. Ora, a única arma com tais possibilidades é a de Cavalaria que sempre se desobrigou a

contento da difícil tarefa e se o fogo, a divindade moderna do combate, lhe impoz modificações radicais nos seus processos de combate, não é menos certo que se adaptou perfeitamente à nova situação. Acresce que essa evolução não afetou de nenhum modo a natureza das missões que lhe incumbiam, porquanto permaneceram intangíveis, a êsse respeito, as necessidades do Chefe.

Consequentemente é básica a ação da Cavalaria, tanto no domínio estratégico como no tático, seja em proveito dos exércitos ou grupos de exércitos, seja em cooperação com as D. I.

No BRASIL, país de extensas fronteiras e de escassos meios de comunicação, avulta a importância do papel a desempenhar pela Cavalaria, graças principalmente a suas características de potência e de velocidade-plasticidade.

E, fiel a suas gloriosas tradições, imbuída do mesmo espírito de sacrifício tantas vezes demonstrado, agirá como sempre, de modo simples na concepção, rápido na decisão, audacioso na execução.

DOCTRINA DE COMBATE :

Até 1914, tanto na FRANÇA como na ALEMANHA, a doutrina admitida era, em síntese, a seguinte :

"A Cavalaria, na guerra moderna, desempenha importante papel. Para cumpri-lo, deve tomar desde o início, ascendência sobre a Cavalaria inimiga e procurar destruí-la. Seu modo de ação normal (contra a Cavalaria e mesmo contra a Infantaria), é a *ação a cavalo*, sendo secundária a *ação pelo fogo*".

Esta ação a cavalo era realizada por intermédio da *carga* em formação compacta. Ora, as guerras do TRANSVAAL e da MANDCHURIA nas quais o emprêgo das armas automáticas foi feito em larga escala, tinham demonstrado já a necessidade de modificações profundas no facies do combate.

Formações mais diluídas, aproveitamento do terreno utilizando-lhe as menores dobras ou recorrendo à sua orga-

nização (fortificação passageira), tais foram as reações na Infantaria; na Artilharia, foram abandonadas as posições de cristas, adotou-se como normal o tiro indireto, escudos ajustados aos canhões e carros protegiam as guarnições.

Quanto à Cavalaria, como desenfilar-se às vistas e aos tiros, dado o enorme objetivo que oferece?

Releva notar que na zona escolhida pelo adversário para o combate, não encontrará ela, certo, abrigos ou movimentos do terreno que permitam subtrair-se à ação do fogo.

A guerra dos BALKANS veio confirmar plenamente essas conclusões.

Mas... a *rotina* prevaleceu e com ela a *doutrina*, isto é a Cavalaria continuou sendo até 1914 "uma potência de choque móvel", numa fase de relativa mutação que foi gradualmente se acentuando rumo à sua ulterior transformação em uma "potência de fogo, móvel" (1918), com escalas, nos anos de 1915 a 1917, pela situação transitória de "potência de fogo estática", durante a qual perdia, a pouco e pouco, suas características e adquiria as da Infantaria, particularmente no que respeita à questão do armamento.

Em síntese: perdida a *potência de choque*, a Cavalaria a substituiu pela *potência de fogo*. E, segundo o Gen. Duffour: "As G. U. de Cavalaria tornaram-se essencialmente reservas de fogo; neste caráter fazem parte integrante da massa de manobra."

Ao surgirem o veículo Q. T. e o engenho blindado, a Cavalaria teve diante de si novas e extraordinárias possibilidades para o cumprimento de suas missões — raio de ação, velocidade, plasticidade, elasticidade e *potência de choque*.

Era o comêço de uma nova fase na qual o ciclo de evolução da arma se completaria.

ORGANIZAÇÃO, ARMAMENTO, INSTRUÇÃO :

A organização, o armamento e a instrução das unidades de qualquer arma onde quer que seja, dependem estritamente da doutrina. Em 1914, na EUROPA, coerentemente com

idéia predominante da "mobilidade" e do aproveitamento da massa para o choque, as D. C. eram aligeiradas ao máximo, em detrimento dos meios de fogo, considerados de importância secundária. A D. C. francesa dessa época, por exemplo, compreendia 3 Bdas., a 2 R. C. e 1 Sec. de Mtrs.; 1 Gr. ciclista (400 F. O. e 1 Sec. de Mtrs.) e 1 Gr. de A. 75. Não dispunha de apóio de Infantaria.

Seu armamento consistia em 3.600 sabres ou lanças, 8 mtrs., 12 peças de A., 3.000 fuzis, 200 baionetas. Cada cavaleiro dispunha de 66 cartuchos; não havia ferramenta nem baioneta.

Uma análise mesmo sumária, demonstra a preocupação com a mobilidade:

- nenhum apóio de Infantaria;
- fraca dotação de cartuchos;
- nenhuma baioneta;
- ausência de ferramenta de sapa;
- reduzido número de peças de Artilharia;
- poucas Sec. de Mtrs.

A instrução tinha como objetivo-base o combate a cavalo, em que a audácia, o treinamento, o vigor e a decisão, traçam, com o ímpeto das cargas, a vitória.

O combate a pé já começava a interessar os comandantes de unidades até o escalão regimento.

Na ALEMANHA, a organização e o armamento eram semelhantes havendo porém Btlis. de caçadores como apóio de Infantaria.

Sob o ponto de vista da instrução, o E. M., atendendo à influência decisiva do fogo, já havia orientado a Cavalaria para o combate a pé. Certo, não vislumbrara ainda toda a magnitude dessa forma de combate, porém, a tendência se manifestara e a confiança na arma branca e pois no choque, diminuiu e não pouco.

Isso explica a razão pela qual a Cavalaria alemã recusou sempre, obtinadamente, bater-se com a gaulesa, e bem assim a adoção da tática do engodo, procurando atraí-la para as zonas de fogo da A. e da I., fatos que os franceses atri-

buiram à deficiência de instrução e de moral dos adversários. Essa opinião não corresponde logicamente à realidade, pois não se compreende que, dentre os soldados alemães, somente o cavalariano não fosse instruído, somente ele não possuísse coragem.

Resumindo as apreciações feitas: em 1914, as D. C. eram dotadas de *grande mobilidade, grande potência de choque e de fracos meios de fogo*. A instrução, aprimorada ao extremo no que se referia ao combate a cavalo e à arma branca; prática relativa dos processos de combate a pé e isso mesmo nas pequenas unidades. Não era visada a cooperação de unidades de Infantaria (em França), porém na ALEMANHA já se contava com semelhante apoio.

A sanção da guerra obrigou a Cavalaria a modificar seus processos de combate, a procurar reorganizar-se, e em consequência a substituir o armamento e a aumentar seus meios de fogo.

Essas mutações começaram a ser feitas desde a "corrida para o mar" (Setembro — Novembro 1914), fase na qual a Cavalaria teve como missão a cobertura dos movimentos estratégicos na frente NOYON-NIEUPORT (cobertura da entrada em ação e desdobramento de 3 exércitos franceses e de 1 exército inglês). A lança foi substituída pelo mosquetão (com baioneta); a dotação de cartuchos aumentou para 200; autos blindados com metralhadoras ou canhões de 37 m/m foram empregados; a ferramenta de sapa é distribuída.

Breve, tinha se imposto a máxima: "*a Cavalaria marcha a cavalo e combate a pé.*"

Em 1916 a estabilização culminava. A cessão de cavalos à Artilharia cujos efetivos tinham aumentado extraordinariamente, obrigou a Cavalaria a uma nova reorganização, na qual foram suprimidas 3 D. C.. Como modificação essencial houve a inovação de um regimento a pé, a adição de 600 Grs. de autos-mtrs. e autos-canhões, assim como a redução do Gr. de ciclistas para a metade do anterior efetivo.

Os Pels. tomam como modelo os de Infantaria; a dotação de cartuchos aumenta ainda, agora para 300, por homem, e uma secção de mtrs. vem aumentar para duas, a dotação do R. C..

Já então a D. C. perdera a sua característica de mobilidade, consequência do acréscimo extraordinário de sua potência de fogo. A ação pelo fogo passa ao primeiro plano. Mas, na ocasião, a guerra de trincheiras a obrigava a permanecer "uma potência de fogo estática". Em 1918, afinal, a Cavalaria retoma a posse de si mesma.

Os novos métodos de combate tinham sido estudados a fundo e o moral era excelente pois chegara a ocasião de abandonar as trincheiras e de retomar suas atividades normais, isto é, as do movimento.

A Cavalaria restabelece as ligações nas frentes rompidas pelos alemães; cobre o desenvolvimento e o engajamento das D. I. transportadas; retarda o inimigo em seus avanços. Quando da contra-ofensiva de MANGIN, ela anseia para iniciar a exploração do sucesso e por completá-lo pela perseguição, mas fatores diversos não o permitiram. E, em Novembro, o armistício extinguiu-lhe as esperanças.

A organização da D. C. de 1918 — "potência móvel de fogo", diferia muito da de 1914. Assim, se o número de Brigadas era o mesmo, o das Secções de Mtrs. tinha duplicado (12 em vez de 6); o Gr. de ciclistas tinha uma Cia. de Metr. a 3 Sec. de 4 peças, em lugar de 1 Sec. com 2 peças; 2 Grs. de A. em vez de 1; possuía 2 Grs. de autos-mtrs.-canhões (inexistentes em 1914); 300 cartuchos por homem, isto é, 5 vezes mais; baionetas, ferramenta de sapa, granadas, F. M. (não constavam da organização anterior).

Como se verifica, se por um lado é extraordinário o aumento dos meios de fogo, por outro, é óbvio, observa-se uma perda sensível da mobilidade. Procurando rehavê-la e bem assim recuperar também algo da potência de choque, voltaram-se os meios militares europeus para o motor.

TENDÊNCIAS MODERNAS :

Ao concluir-se o armistício em 1918, uma D. C. possuía 250 armas automáticas. Esse número foi aumentado de tal sorte que, em menos de um lustro quasi duplicara, reduzindo ainda mais a mobilidade da Arma. O General WEYGAND, entre outros, vaticinara :

"A guerra do futuro, será uma guerra de maquinismo. Negá-lo, recusar-se a acompanhar o progresso da máquina e a beneficiar-se d'ele, é condenar-se, no dia da guerra, a não ter sinão engenhos obsoletos."

E foi apelando para as máquinas que a Cavalaria adquiriu parte da mobilidade perdida. Foram motorizados a Artilharia e os trens; criaram-se esquadrões de dragões transportados, visando a entrada rápida em ação dos meios de fogo.

Vencida a 1.^a etapa, fez-se mais um lance tendo em vista o aumento da capacidade ofensiva da arma, empregando em larga escala a motorização e a mecanização e adotando as seguintes medidas :

- a supressão dos grupos ciclistas;
- a incorporação definitiva à arma, dos D. T.;
- a criação dos R. Au. M. (engenhos blindados: A. M. D.; A. M. D. R.; A. M. C.).

Chegou-se assim em FRANÇA, em 1936, à organização da D. C. mixta, composta de duas Bdas, a cavalo e de 1 Bda. motorizada.

Originária da organização de 1932, modificada em 1934, compreende os seguintes elementos :

- a cavalo : 2 Bdas. a 2 R. C.;
- motorizados: Btl., de D. T.; Artilharia; Engenharia;
- mecânicos: R. Au. M. .
- um Esq. anti-carros.

Possue grande flexibilidade e graças a seus elementos hipomóveis e automóveis adapta-se a qualquer terreno.

Sua mobilidade estratégica é relativa, mas, em competição, goza de mobilidade tática integral e é muito manobreira.

A Artilharia e os combatentes a pé constituem o elemento de força desta G. U..

Não sendo constituída de elementos homogêneos seu comando apresenta certa complexidade, considerando-se:

- a necessidade de constituir e acionar agrupamentos táticos adaptados a diferentes missões, sob vários comandos subordinados;
- o volume (alcança 50 Kms. em coluna de estrada).

É muito vulnerável não só nos ataques aéreos, como às ações afastadas da Artilharia. A tomada de posição pela Artilharia e a colocação, dos elementos a pé tendo em vista a ação do engajamento, requer um mínimo de duas horas, tempo que para a Cavalaria não é reduzido. Sua potência ofensiva, função dos próprios meios de Artilharia, permite atacar uma linha de fogos contínua, numa frente compreendida entre 600 ms. a 1 km. Na defensiva, pode ocupar uma frente de 6 kms. e estabelecer uma cortina de fogo numa extensão entre 8 a 10 kms.

Mediante o jôgo de seus escalões — hipo e auto — é particularmente apta à ação retardadora, tomando o contacto o mais longe possível, impondo ao adversário sucessivas perdas de tempo, realizando incursões em sua retaguarda e sobre seus flancos, inquietando-o, obrigando-o a se desdobrar e levando a efeito contra-ataques locais com os engenhos blindados.

Paralelamente às experiências relativas à organização da D. C. mixta e atendendo aos inconvenientes nela verificados os E. M. europeus procediam a outros estudos, tendo em vista a constituição de uma G. U. compreendendo somente elementos motorizados e engenhos blindados. A FRANÇA chegou a possuir três dessas unidades que receberam a designação de D. L. M.

A D. L. M. é constituída essencialmente por um regimento de descoberta e por uma Bda. de combate. Tem uma potência ofensiva superior à da D. C. mixta, pois sua frente de ataque normal pode abranger de 3 a 3 Kms., 5; o mesmo acontece sob o ponto de vista defensivo, também com maiores

possibilidades, graças à blindagem dos meios de transporte dos D. T. e ao fato dos carros poderem ser empregados na ação retardadora, estabelecendo cortinas de fogo, ocultas atrás das cobertas e das cristas. (10 a 15 Kms).

Esta G. U. é homogênea; possui uma considerável potência de fogo; pode fixar o inimigo no decorrer de uma manobra de ala; mantém o contacto e assegura uma ocupação prolongada do terreno. Apresenta um maior volume que a D. C. mixta (3.500 veículos em vez de 2.500); seu comando é mais fácil, sua vulnerabilidade é grande; seus engajamentos se processam rapidamente.

Em síntese: suas características são melhores que as da D. C. mixta. Mas essa organização só pode ser adotada por países industriais ricos. Em países como o nosso, no qual as indústrias pesadas estão ensaiando os primeiros passos, convém adotar, inicialmente, a solução intermediária — a da D. C. mixta.

CONCLUSÃO :

Em rápida análise foram passados em revista não só as lições decorrentes da experiência da Grande Guerra, como também as atuais tendências no tocante à Arma de Cavalaria.

Ocorreu, de início, o abandono do combate a cavalo e da ação pelo choque, substituído pela manobra a cavalo e combate a pé utilizando o fogo; posteriormente, forçada pelas circunstâncias, a Cavalaria aferra-se ao terreno, aumenta seus meios de fogo, adapta sua maneira de agir à da Infantaria cuja organização e processos de combate perfilha, aguardando impaciente a sua hora, a hora do movimento; tendo soado esse momento, ressurgue afinal, alijando para longe o pesadelo das trincheiras e das redes de arame, e, embora alfim, novamente, da liberdade de suas ações. O armistício, firmado nessa ocasião (Novembro de 1918), destruiu-lhe as perspectivas.

Depois... foi mistér rebater os argumentos dos que combatiam a razão de ser da arma, julgando prescindível seu concurso.

Vencidos êsses adversários, tratou-se de acompanhar o progresso vertiginoso da época e, em consequência, recorreu-se à motorização, à mecanização — primeiro timidamente, a seguir em escala ampla.

Hoje, graças a essas inovações, a *Cavalaria é uma potência móvel de fogo e de choque.*

E encerrou-se o ciclo de evolução da arma :

CAVALARIA	}	massa dinâmica de choque — até 1914	}	Atualmente
		massa estática de fogo — (1915 - 1918)		
		massa móvel de fogo — 1918 - 1924		
		massa dinâmica de	{	
			fogo	
			choque	

MISSÕES, CARACTERÍSTICAS E EMPREGO

MISSÕES :

"A Arma de Cavalaria, *informa, cobre e combate* em ligação com as outras armas; pode intervir no sentido de prolongar ou substituir a ação dêles quando for necessário agir *depressa, longe, por surpresa*" (R. G. U., Bdr., n.º 43).

No exercício dessa tríplice missão, a Cavalaria coopera eficazmente na ação do COMANDO.

- prestando-lhe as informações de que necessita para desenvolver seu plano de manobra — sob a forma de dados referentes à situação, natureza e força do inimigo, grau de adiantamento de sua manobra, possibilidades respectivas de ação. É a missão de **EXPLORAÇÃO** (terrestre);
- outorgando-lhe a segurança estratégica, dando-lhe *tempo e espaço* para a reunião dos meios, em função das informações transmitidas e das resistências opostas ao adversário, no início ou no decurso das operações. É a missão de **COBERTURA**;

— garantindo-lhe, graças à sua velocidade-plasticidade, tanto na ofensiva como na defensiva, seja o deslocamento rápido e oportuno de possantes meios de fogo nas condições de tempo e de espaço as mais favoráveis, seja na manutenção de uma posição definida em contacto com o inimigo. E' a missão de COMBATE.

Essas missões são desempenhadas pela Cavalaria Independente (D. C.) e ressaltada apenas a amplitude do raio de ação, também pela Cavalaria Divisionária R. C. D.)

Em consequência, aquela coopera na "segurança estratégica", esta última, na "segurança tática".

CARACTERÍSTICAS :

"As G. U. de Cavalaria são caracterizadas pela sua mobilidade e potência de fogo. Seu valor ofensivo está na razão direta da sua dotação em Artilharia e em engenhos blindados". São submetidas às servidões resultantes de seu volume, de sua vulnerabilidade e de sua fragilidade, assim como das exigências para sua manutenção e reabastecimento" (R. G. U., fr., n.º 430).

Dotada de uma velocidade de deslocamento superior à das massas em proveito das quais age, exercendo essa ação num grande raio, fazendo uso de uma plasticidade amoldável a todos os terrenos, a qualquer estado atmosférico "com todos os meios de combate" e, tendo como complemento uma grande elasticidade mediante a qual pode modificar rapidamente seu dispositivo em função dos acontecimentos, a Cavalaria moderna, móvel, tem seu poder acrescido com a potência-tempo, traduzível pela rapidez de sua intervenção (surpresa) e materializada pelo choque brutal.

A simbiose dessas qualidades — mobilidade e potência, tornam a Cavalaria a arma por excelência nos momentos de crise, no restabelecimento rápido de uma situação difícil.

Convém não esquecer, no entanto, que não é possível conciliar o combinado surpresa-ação brutal aplicando todos os meios num único ponto, com a questão de remuniciamento e esse antagonismo não permite que a missão perdure.

E, finalmente, é de capital importância restringir ao mínimo o desgaste do conjunto dos elementos hipo e automóveis, servidões que exigem, imperativamente, repouso para homens e animais, ferraduras para os cavalos, revisões nos motores, precauções nos reabastecimentos (quantidade e oportunidade), sem o que as unidades não cumprirão a missão.

EMPREGO TÉCNICO :

1. — *Generalidades*

“A manobra de uma G. U. de Cavalaria deve combinar harmonicamente o emprego de seus diversos elementos — *hipomóveis, motorizados, blindados*.”

Requer o deslocamento rápido e em segurança, a despeito do terreno e do inimigo, de uma massa de manobra potente, porém volumosa, visando concentrar, na frente favorável, os esforços combinados de seus meios” (R. G. U. fr., n.º 432).

Ora, “deslocamento rápido” exige “divisão da massa”, “concentração”, significa “reunião”. Nessas condições, a velocidade dêsse movimento é função da heterogeneidade dos elementos da D. C. (no caso da D. C. mixta), do número de eixos disponíveis e das possibilidades do inimigo.

Se estas possibilidades são remotas, é de regra impulsionar à frente, rumo a um abrigo natural ou até um corte do terreno os elementos mais rápidos se, ao contrário, o inimigo tem possibilidades de intervir na jornada ou, ainda, o terreno é difícil, cabe a primazia aos elementos a cavalo reforçados pelos engenhos blindados.

A diversidade dos elementos restringe a velocidade da D. C. (grossos), a 6 e 8 Kms. horários nas jornadas normais de 40 Kms., e excepcionais de 100 Kms. (em 24) e de 200 Kms. em 3 dias.

Já a D. L. M. percorre êsses 200 Kms. em 8 horas, o que corresponde à possibilidade de realizar o mesmo que a

D. C. mixta na sexta parte do tempo — 100 Kms. em 24 horas e em 4 respectivamente, devendo considerar-se, ainda, ser excepcional o esforço daquela.

Para o deslocamento em segurança, o Cmt. da G. U. conta: — com as informações (jôgo dos destacamentos de descoberta e de segurança afastada precedendo o grosso de 50 a 150 Kms., e operando em frentes de 35 a 55 Kms., respectivamente para uma D. C. e uma D. L. M.;

— com a ação dos destacamentos de segurança organizados de modo a reconhecer a zona de marcha e se necessário estabelecer-se em condições oportunas e favoráveis, em cobertura, numa frente que varia de 10 a 15 Kms., respectivamente, para a D. C. e para a D. L. M.

A concentração responde à necessidade para o chefe, na ofensiva, de reconhecer o inimigo, procurar fixá-lo numa frente extensa, e, a seguir, atacá-lo em fôrça, numa direção determinada; na defensiva, resistir ao inimigo numa frente extensa, durante um tempo limitado e aproveitando os cortes do terreno.

Deve-se ter sempre em mente as características da arma e seu emprêgo na defensiva, pois se ela é particularmente apta para a ação retardadora, só em último caso deverá receber a missão de defensiva sem espirito de recuo.

2 — O Combate da D. C.

A Cavalaria, em função das suas propriedades e características tanto pode agir no combate ofensivo como no defensivo.

Se na guerra européia, apesar das deficiências de seu armamento e das transformações bruscas nos seus processos de combate a arma satisfaz, muito mais é de se aguardar dela agora que a sua potência de fogo aumentou e que adquiriu a mobilidade.

Na defensiva, duas hipóteses devem ser encaradas:

- *defensiva estática* numa P. R. com ou sem limite de tempo;
- *defensiva dinâmica*, quando existe entre o inimigo e a P. R. um espaço no qual a D. C. possa manobrar.

No 1.º caso, ela deverá combater com os processos da Infantaria e, além disso, para que sua missão perdure, necessita de apoio de Infantaria e de Artilharia, pois seu elemento de força reside orgânicamente no valor de 5 Btls., e de 3 grupos de Artilharia.

No 2.º caso, ela está no seu ambiente, pois é particularmente apta à manobra defensiva atenta sua mobilidade, que lhe permite adaptar-se rapidamente à situação e oferecer séria resistência obrigando o inimigo a desdobrar-se, a perder tempo, para, depois, desaferrar-se e se reconstituir numa nova linha onde resistirá novamente.

A ação retardadora constitui, segundo os franceses a ação específica da Cavalaria.

Na ofensiva, a ação da Cavalaria abrange os preliminares do combate; o ataque e a exploração do êxito.

A D. C. na marcha de aproximação-escalona seus elementos na seguinte ordem :

- destacamentos de descoberta e de segurança afastada (motorizados) — VGS.
- Bda. motorizada;
- Bdas. a cavalo; Artilharia.

Assegurada a tomada de contacto (VGS.), é constituída uma frente defensiva (8 a 10 Kms.), visando cobrir a aproximação dos elementos das Bdas. a cavalo (2.º escalão) e ocultar ao inimigo até ao último instante, onde desencadeará o ataque (procura do efeito de surpresa). Com a chegada do 2.º escalão (3 a 4 horas depois), trata-se de preparar o ataque, não convindo, em regra, fazê-lo preceder de outras operações pois a rapidez de ação na Cavalaria prima sobre tudo o mais.

A frente de ataque corresponde a 700 ms. para um R. C. ou um Btl. de D. T.; a Artilharia orgânica constitui um agrupamento único cujo plano de fogo visará o apoio das unidades atacantes em primeira urgência. As reservas D. T. (Q. T.) destinam-se a anular os imprevistos na frente de

contacto e nos flancos, a constituir um segundo escalão de ataque e a formar os destacamentos de exploração (ulteriormente).

A localização da tropa e os processos de execução, bem como o ataque seguem os moldes dos da Infantaria, ressalvada a diferença da "duração" que é função dos efetivos e da munição.

A exploração é levada a efeito tendo em vista não só o alargamento da brecha como também o aumento da profundidade, para o que contribuirão os elementos contíguos ao do ataque e destacamentos de exploração (engenhos blindados).

A ação lateral impedirá que o inimigo se mantenha e a de profundidade, atingindo sua Artilharia, órgãos de comando e reservas, desorganizará todo o sistema adversário.

Resumindo: as possibilidades ofensivas da Cavalaria são limitadas pelo número de combatentes a pé e pelo apóio de fogo de Artilharia. Dispondo apenas de sua Artilharia orgânica a frente de ataque será no máximo de 1.200 ms., assim mesmo considerando os A. M. C.

Com reforço de Artilharia essa frente pode ir até 1.600 ms. e não mais a não ser que receba acréscimo também de elementos a pé.

PHARMACIAS

SILVA

ARAUJO

Serviço Nocturno Permanente

ENTREGAS RAPIDAS A DOMICILIO

Tels.: 22 - 1141 — 22 - 1150

MATRIZ:

Rua 1.ª de Março, 11

Ts. 23-3705 e 23-2691

Fornecedores do Governo Federal e Municipal

FILIAL:

Largo da Carioca, 16/12

Ts. 22-1141 e 22-1150